



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

## **Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a pandemia de Covid-19**

*Emotions and Resilience: young people's perspectives on the Covid-19 pandemic*

Suélen Pinheiro Freire Acosta<sup>1</sup>

**Resumo:** Em março de 2020, a pandemia do coronavírus chegou ao Brasil, tendo perdurado enquanto emergência sanitária até maio de 2023. Nesse cenário, o cotidiano foi significativamente afetado, sobretudo quando medidas de prevenção ao contágio foram postas e as rotinas precisaram ser reconstruídas, ainda que de forma precária e desigual. O presente artigo se insere na discussão sociológica sobre esse contexto, com o objetivo de explorar as perspectivas de jovens quanto aos impactos da pandemia de Covid-19. As pesquisas e reportagens analisadas demonstram que a falta de contato com amigos, com a escola como espaço de sociabilidade, a incerteza quanto ao futuro, conflitos familiares e o medo de ser contaminado pelo vírus se relacionam com o aumento de sentimentos como isolamento e nervosismo. Os resultados se alternam também com relação aos momentos da pandemia e se apresentam atravessados por marcadores sociais.

**Palavras-chave:** Jovens. Pandemia. Medo. Isolamento. Emoções.

**Abstract:** In March 2020, the coronavirus pandemic arrived in Brazil, having lasted as a health emergency until May 2023. In this scenario, daily life was significantly affected, especially when measures to prevent contagion were put in place and routines had to be rebuilt, albeit in a precarious and unequal way. This article is part of the sociological discussion about this context, with the aim of exploring the perspectives of young people and the impacts of the Covid-19 Pandemic. The research and reports analyzed demonstrate that the lack of contact with friends, school as a space for sociability, uncertainty about the future, family conflicts, and fear of being contaminated by the virus are related to increased feelings such as isolation and nervousness. The results also alternate in relation to the moments of the pandemic, and are crossed by social markers.

**Keywords:** Youth. Pandemic. Fear. Insulation. Emotions.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professora de Sociologia na Escola Sesi de Ensino Médio Montenegro. *ORCID:* [0000-0001-9708-6426](https://orcid.org/0000-0001-9708-6426) - *E-mail:* [suelenpfacosta@gmail.com](mailto:suelenpfacosta@gmail.com).



## Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a Pandemia de Covid 19

*Suélen Pinheiro Freire Acosta*

### Introdução

O presente trabalho é parte de um projeto de tese em desenvolvimento<sup>2</sup> e propõe reflexões sobre os impactos da pandemia de Covid-19 na vida das juventudes. Sobretudo, consideramos como emoções relacionadas à vergonha, ao medo e ao isolamento foram afloradas, assim como o sentimento de resiliência para o enfrentamento aos obstáculos postos pelo contexto pandêmico e as expectativas com relação ao futuro pós-pandemia.

A pandemia de coronavírus chegou ao Brasil em março de 2020. Sobretudo no chamado período de “quarentena”, quando medidas de isolamento e distanciamento social foram impostas como prevenção ao contágio, as rotinas precisaram ser reconstruídas, ainda que de forma precária. No Brasil, foi marcante também a atuação do Governo Federal, sobretudo, enquanto uma “gestão de disseminação do vírus<sup>3</sup>”, como foi evidenciado pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid-19<sup>4</sup>. Em maio de 2023, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o fim da pandemia de Covid-19 enquanto emergência sanitária<sup>5</sup>, porém consideramos a continuidade de seus efeitos por tempo indeterminado.

Para as juventudes inseridas em contexto educacional e aquelas que conseguiram cumprir o isolamento social, a adaptação às atividades remotas e ao “ficar em casa” com a família trouxe impactos significativos, desiguais e diversos, conforme os marcadores sociais. Considerando a diversidade de juventudes, é importante destacar ainda outros impactos, como a impossibilidade dos estudos, a necessidade de trabalhar e se expor aos riscos de contaminação, o acúmulo de atividades (sobretudo o trabalho doméstico para as jovens), o empobrecimento e o adoecimento, dentre outros (Corrochano, 2021;

---

<sup>2</sup> O projeto tem o seguinte problema de pesquisa: Como os jovens porto-alegrenses, nos diferentes arranjos de classe, raça e gênero, desenvolveram estratégias para construir sentidos de “normalidade” no contexto social pandêmico? O objetivo é construir respostas com jovens de 18 a 24 anos, com identidades diversas e diferentes percepções quanto ao contexto pandêmico. Para tanto, realizaremos encontros de grupos focais e entrevistas individuais.

<sup>3</sup> Argumento da décima edição do Boletim Direitos na Pandemia, elaborado pela Conectas – Direitos Humanos. Disponível em: [Boletim Direitos-na-Pandemia\\_ed\\_10.pdf](#).

<sup>4</sup> Ver: CPI da Pandemia: principais pontos do relatório. Disponível em: [Senado.leg.br](#).

<sup>5</sup> Ver: [Organização Pan-Americana da Saúde](#).



## Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a Pandemia de Covid 19

Suélen Pinheiro Freire Acosta

Abramo, 2022; Weisheimer, 2021). Além disso, foi um período em que a presença da morte, do luto e do medo se intensificaram em suas vidas.

Com base nos relatórios das pesquisas *Juventudes e Pandemia do Coronavírus* (Conjuve, 2020 e 2021) e *ConVid Adolescentes – Pesquisa de comportamentos* (Fiocruz, 2020) e em três reportagens que relacionaram os temas juventude e pandemia, o presente texto visa compreender como o contexto de pandemia afetou as emoções dos jovens e produziu expectativas sobre o futuro pós-pandemia. Para tanto, a seleção dos relatórios e reportagens teve o objetivo de abranger uma diversidade de jovens, sem o intuito de dar conta de sua totalidade. Enquanto os relatórios apresentam resultados de pesquisas que tiveram alcance nacional, as reportagens trazem situações localizadas, com relatos de jovens de diferentes contextos sociais. Assim, as reportagens demonstram a percepção de jovens sobre a “aglomeração” (*Agência Mural*), os impactos do isolamento nos relacionamentos e na saúde mental (*Revista Gama*) e as perspectivas de jovens estudantes do Ensino Médio sobre o futuro pós-pandemia (*Jornal da Universidade*). A análise dos relatórios e reportagens foi realizada à luz de referenciais da Sociologia das Emoções e estudos do campo das Ciências Sociais sobre as juventudes.

As pesquisas e reportagens analisadas demonstram que a falta do contato com amigos, como a escola como espaço de sociabilidade (Simmel, 2006, p. 60), a incerteza quanto ao futuro, os conflitos familiares e o medo do contágio pelo vírus se relacionaram ao aumento de sentimentos como isolamento e nervosismo. Além disso, a possibilidade de continuar estudando ou trabalhando de forma remota expuseram as desigualdades sociais, as quais afetaram diretamente a experiência das juventudes em meio à pandemia. Também demonstram diferentes impactos relativos ao gênero quanto às emoções vivenciadas, bem como às formas de lidar com elas.

Os resultados se alternam também com relação aos momentos da pandemia, demonstrando o processo de adaptação e construção de estratégias para vivenciar esse contexto. O retorno às aulas presenciais sinalizava, ao mesmo tempo, a expectativa de reencontro com os amigos e o retorno à normalidade, e a vergonha em lidar pessoalmente com os colegas e as transformações na aparência física de cada um.



## **Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a Pandemia de Covid 19**

*Suélen Pinheiro Freire Acosta*

Dessa forma, a compreensão dos efeitos do contexto pandêmico na vida dos jovens e seus desdobramentos até a atualidade tem importância para podermos desvendar a complexidade desse contexto social. Além disso, reflexões como essas contribuem para a identificação das possibilidades de ação dos jovens frente a um contexto extremo e complexo como foi a pandemia, e como seus impactos seguem presentes na vida dos e das jovens brasileiros e brasileiras.

### **Caminhos teóricos e metodológicos**

Para a realização da proposta do presente texto, selecionamos alguns resultados dos relatórios de pesquisas realizadas em âmbito nacional, em diferentes momentos do contexto social da pandemia de coronavírus. Os dados selecionados tratam sobre as emoções vivenciadas nesse contexto, assim como a saúde, conflitos familiares, dificuldades para dar continuidade aos estudos e projeções com relação ao futuro. Complementarmente, utilizamos três reportagens que abordaram problemas sociais vivenciados por jovens no contexto pandêmico, trazendo relatos de jovens de diferentes contextos e que enfrentaram diferentes impactos. Dessa forma, trabalhamos com dados secundários, quantitativos e qualitativos, que auxiliam na construção do cenário pandêmico e na indicação de caminhos para análises futuras.

Além disso, propomos diálogo entre os dados citados e referenciais teóricos da Sociologia das Emoções e da Sociologia das Juventudes, bem como em pesquisas referentes ao contexto de pandemia. A leitura e a análise dos dados foram realizadas com base em referências que apontam para a importância das emoções para a vivência dos jovens no contexto pandêmico e para suas percepções sobre o futuro pós-pandêmico.

A correlação teórica entre as Sociologias das Juventudes e das Emoções contribui para a identificação dos impactos vividos em meio à pandemia. Com relação à categoria juventude, a compreendemos enquanto socialmente construída, que traz em si uma pluralidade de experiências e identidades situadas no tempo e no espaço (Groppo, 2015). Nesse sentido, como destacado anteriormente, entendemos as juventudes de



## **Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a Pandemia de Covid 19**

*Suélen Pinheiro Freire Acosta*

forma plural, possibilitando experiências diversas e desiguais, dadas as diferentes conexões com outros marcadores sociais, ainda que compartilhem entre si de uma mesma “condição juvenil” (Dayrell, 2007). A noção de condição juvenil se refere ao modo como uma sociedade significa esse momento do ciclo de vida e aos modos como essa é vivida (Dayrell, 2007, p. 1108).

Da mesma forma, as emoções são pensadas a partir de sua natureza social e enquanto importante dimensão dos fenômenos sociais (Sallas, 2024). Podem ser definidas como conjunto de construções sociais que se situam nas interações entre os atores sociais imersos em um contexto social e cultural (Koury, 2004). Trata-se da expressão de uma gama de relações sociais no corpo dos indivíduos, que corresponde a situações sociais específicas, de modo que o objetivo da Sociologia das Emoções é estudar a relação entre as dimensões social e emocional do ser humano (Bericat, 2000). A Sociologia das Emoções, dessa forma, parte do princípio de que “[...] as experiências emocionais singulares [...] são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e sociedade” (Koury, 2004, p. 89).

### **Medo e uma nova sociabilidade pandêmica**

Ao mesmo tempo em que o período de isolamento social foi a principal medida de prevenção ao contágio por Covid-19 e trouxe uma série de questões para uma parcela das juventudes, foi uma impossibilidade para outra parcela que continuou precisando sair para trabalhar, pegando transporte público lotado e se expondo ao risco para se manter economicamente. O desenrolar do contexto de pandemia também trouxe certo enfraquecimento das preocupações com o contágio, de forma geral, aumentando a confiança na realização de saídas e encontros. Ainda que o fim da pandemia enquanto emergência de saúde pública tenha sido declarada em maio de 2023, seus impactos sociais ainda serão sentidos, inclusive quanto à percepção com relação ao seu fim.

Na primeira edição da pesquisa *Juventudes e Pandemia do Coronavírus* (junho de 2020), em questões sobre “hábitos de saúde e bem-estar”, os jovens foram questionados sobre a frequência com que saíram de casa para atividades diversas e verificou-se que



## Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a Pandemia de Covid 19

Suélen Pinheiro Freire Acosta

84% das saídas se relacionaram à necessidade de fazer compras de alimentos, limpeza ou farmácia, 36% para cuidar de alguém que precisa, 19% para trabalhar. Com relação a encontrar família, amigos, *crush*, namorado(a), verificou-se frequência de 50%, para fazer exercícios 25% e para dar uma volta, 41%.

Podemos observar que a maioria dos jovens entrevistados saiu de suas casas para atividades essenciais, como fazer compras e cuidar de outras pessoas, o que se repetiu na segunda edição da pesquisa e é notável também no relatório da pesquisa *ConVid* (setembro de 2020). Nos casos de jovens que estiveram próximos a pessoas contaminadas com Covid, os dados mudaram, de modo que 64% afirmaram nunca ter saído para dar uma volta, espalçar e 56% afirmaram nunca ter saído para encontrar família, amigos, *crush*, namorado(a).

A possibilidade de perder algum familiar ou amigos era a principal preocupação dos jovens, conforme mostra a segunda edição da pesquisa *Juventudes e Pandemia do Coronavírus* (maio de 2021), assinalada por 61% dos entrevistados, enquanto 24% temiam ser infectado pela Covid-19 e outros 24% temiam perder a vida. A maior preocupação com familiares e amigos se relacionava ao contexto vivido, enquanto a baixa preocupação consigo mesmo, a possibilidade de ser infectado ou morrer se relacionava com certa disposição a correr riscos.

Nesse sentido, podemos observar que, dentre as atividades não essenciais, a que apresentou maior frequência de saídas dos jovens de suas casas foi para encontrar outras pessoas. A insuficiência das redes sociais e dos contatos virtuais, ou mesmo as dificuldades ou impossibilidades de acesso à internet, podem ajudar a compreender essa questão, bem como a disposição para correr riscos, a importância dos contatos físicos e a ocupação de espaços de sociabilidade (como rua, praças, parques). A rua passou a ser lida como ainda mais “perigosa”, se antes por medo ligado à insegurança e à violência, no contexto pandêmico também ocorre pela possível contaminação pelo coronavírus, ao mesmo tempo em que ganhou “[...] nostalgicamente o sentido do ‘viver’ que a casa, no isolamento, parece não permitir” (Koury, 2021, p. 147). O uso de redes sociais e das telas



## Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a Pandemia de Covid 19

Suélen Pinheiro Freire Acosta

de forma geral também foi ampliado, percebido pelos jovens como vício e parte do tédio da pandemia.

A preocupação com a saúde de outras pessoas, com a possibilidade de contaminar familiares, por exemplo, e a adesão assinalada às medidas de prevenção ajudam na desnaturalização de certa imagem comumente associada aos jovens, sobretudo aos jovens de camadas populares. Imagens e notícias denunciando casos de aglomeração foram comuns nesse contexto, assim como a culpabilização dos jovens por “espalhar o vírus”. Nesse sentido, uma reportagem da *Agência Mural* entrevistou jovens de São Paulo partindo da pergunta “Por que aglomero?” (Felício, Silva & Veloso, 2021). As respostas dos entrevistados trazem diversas reflexões sobre o contexto vivido, como a permissão para aglomerações “no busão” para ir ao trabalho, mas não para festas. “Aqui na periferia a gente não tem nada o que fazer sempre. Ficar só em casa é ruim porque não tem muito espaço e fica todo mundo junto. Quando eu saio, me divirto e dou uma respirada”, afirma um jovem entrevistado.

A reportagem também se refere à expectativa de voltar a ir a festas após um ano de isolamento, assim como casos de jovens que têm nas festas seu emprego (como DJs), e as diferentes opiniões entre os que tiveram pessoas próximas infectadas e os que não tiveram, bem como o medo relacionado à possibilidade de ser assintomático (que fez com que um dos entrevistados deixasse de frequentar festas).

Além da problematização desenvolvida na reportagem, que articula trabalho e lazer (Se é permitido aglomerar para trabalhar, por que não para festejar? Como ficaram as pessoas que tinham nas festas o seu trabalho?) e reflete as condições de vida nas periferias, podemos pensar também na importância das festas como rituais de passagem para a juventude.

A emoção “medo” é importante para pensarmos sobre a decisão de deixar de frequentar festas e atividades que contrariavam as orientações para prevenção ao contágio por Covid-19. O medo – do contágio, da morte – foi motivador para que os indivíduos cumprissem as medidas de prevenção, se distanciassem de pessoas queridas,



## Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a Pandemia de Covid 19

Suélien Pinheiro Freire Acosta

deixassem atividades de lazer e passatempos e reduzissem sua frequência nos espaços públicos.

Nessa perspectiva, Pereira (2020) analisou “cenários do medo” que se produziram em meio à pandemia, identificando a emergência de uma “sociabilidade pandêmica” em que o medo “pode ser a matriz estruturante de todas as ações e sentimentos vividos”. É interessante observar como a experiência e o significado dessa emoção sofreram mudanças ao longo da pandemia, como demonstra o relato de um dos jovens entrevistados pela reportagem da *Agência Mural* (2021):

No começo da pandemia, quando a gente começou a trabalhar e estudar em casa, eu tinha muito medo. Só que, com o passar do tempo, não houve relatos de moradores aqui da quebrada que tiveram Covid, nem suspeita, então as pessoas começaram a sair mais. Eu via muita gente na rua e isso me deixou mais confortável pra sair também.

Assim, o medo pode estar relacionado à emoção de vergonha, a ser malvisto socialmente ao descumprir as medidas e ao risco consequente de ser excluído, isolado ou “cancelado” (Dunker, 2020). Ou ainda, a vergonha de ser a única pessoa a, por exemplo, cumprir medidas de prevenção como isolamento ou uso da máscara. Na perspectiva do sociólogo Thomas Scheff, o medo e a vergonha são emoções que se relacionam e se aproximam, embora guardem diferenças. Conforme Dores (2011, p. 4):

O medo pode ser definido como a emoção que assinala o sentimento existente de a integridade do indivíduo estar em risco e faz disparar o coração, preparando o corpo e a mente para a ação intensa, em contraste com a vergonha, definida por Scheff como o sinal de presença de riscos para os laços sociais das pessoas, o que faz ruborizar a face

Assim, o medo demonstrado pelos jovens nas pesquisas e na reportagem se interliga, sobretudo no contexto pandêmico, ao medo de ser excluído das redes de relações, conectando-se, dessa forma, à emoção de vergonha. O medo da morte e da contaminação também foram intensificados, demonstrando importância para a adesão às medidas de prevenção a Covid-19. Tais emoções, contudo, não são emoções específicas desse contexto, mas intensificadas por ele.

### **Isolamento social: evitar o vírus e evitar o outro**



## Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a Pandemia de Covid 19

Suélien Pinheiro Freire Acosta

"A pandemia obrigou jovens e adolescentes a se afastar dos grupos e trancar sonhos e paixões dentro de casa" (Bergamo, 2021), afirmou reportagem da *Revista Gama*, em janeiro de 2021. A reportagem com título *Juventude confinada* trouxe relatos de jovens após um ano de pandemia, como "Passei o ano inteiro sem me apaixonar" e "Parecia que só eu estava vivendo tudo aquilo". A reportagem abordou ainda relatos de dificuldade de concentração nos estudos online, unidos à frustração pela não realização dos planos, como começar em uma série ou escola nova. Assim, duas esferas importantes da vida, especialmente dos jovens, se mostraram afetadas: os estudos e os relacionamentos.

Não raramente, a escola é o espaço de socialização e de produção dos laços afetivos mais importantes na vida das juventudes, mais do que um espaço educativo (Dayrell, 2007). Além disso, o tempo de estada na escola e em outros espaços proporciona também um afastamento entre filhos e pais ou responsáveis, importante para a formação da autonomia dos jovens, como destacado na reportagem, e que também foi afetada pela pandemia. A distância dos colegas e amigos pode disparar o sentimento de estar sozinho vivendo um desastre mundial, como foi a pandemia.

Estar mais tempo em casa, com a família, em contexto de tamanha insegurança, também trouxe o aumento dos conflitos familiares. A divisão das tarefas domésticas e a constituição de uma "rotina precária" em meio à pandemia ampliaram o sentimento de ansiedade, como observou Koury (2020). O autor destacou outros fatores para os conflitos familiares, como a insegurança "sobre a manutenção do emprego, com as exigências de continuidade do trabalho por meios virtuais, sem o aparato técnico necessário" (Koury, 2020, p. 20). A pesquisa de Bezerra *et al.* (2020, p. 2414) também demonstrou o "estresse no ambiente doméstico".

Como mostrou a pesquisa nacional *Juventudes e Pandemia do Coronavírus* (edição de maio de 2021), "brigas frequentes dentro de casa" foi apontado por 21% dos entrevistados como resultado direto ou indireto da pandemia, sendo mais frequente entre os jovens na faixa dos 15 a 17 anos (24%). Também foi significativo o nível de



## Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a Pandemia de Covid 19

Suélen Pinheiro Freire Acosta

sentimento de isolamento demonstrado por 32,8% dos adolescentes à pesquisa *ConVid*, realizada pela Fiocruz.

A pesquisa também mostrou que o sentimento de isolamento foi mais frequente entre as meninas (41,1%) em relação aos meninos (24,2%) e entre os adolescentes mais velhos (16 a 17 anos, 40%) em relação aos mais novos (12 a 15 anos, 29,4%). Também abordou os sentimentos de tristeza e nervosismo. Entre os jovens entrevistados, 23,2% afirmaram se sentir tristes na maioria das vezes e 9,2% afirmaram se sentir tristes sempre no período de pandemia, sendo que o percentual das meninas foi duas vezes maior que o dos meninos. Com relação ao nervosismo, 29,4% se sentiram nervoso(a) ou mal-humorado(a) na maioria das vezes e 19,3% sempre. O nível de nervosismo apresentado pelas meninas novamente foi maior que o dos meninos: 27,7% delas afirmaram sentir nervosismo sempre, enquanto para eles o índice foi de 10,8%.

A segunda edição da pesquisa *Juventudes e Pandemia do Coronavírus* mostrou dados semelhantes, em que seis a cada dez jovens relataram ansiedade e uso exagerado de redes sociais como provável saída para a falta de socialização e lazer, além dos estudos e trabalho. O aumento das brigas em casa e o sentimento de isolamento se relacionam.

Quanto aos mais baixos índices de isolamento, tristeza e nervosismo entre os meninos, é importante refletir sobre como indivíduos são educados de formas diferentes quanto às suas emoções (dentre outros temas), conforme o marcador social de gênero, de modo que é comum que meninos sejam ensinados a reprimir e a não falar sobre seus sentimentos. Conforme Connel (2016), a “ideologia de gênero” de nossa sociedade insiste em criar diferenças entre as vidas e emoções de meninos e meninas adolescentes, de modo que “exagerar a performance de masculinidade” tende a ser o caminho ensinado aos meninos. Nesse cenário, teríamos entre imposições sociais e culturais e a interação entre sujeitos para validar (ou não) determinadas emoções a determinados grupos sociais. Conforme Rodriguez (2020), as emoções são constitutivas da ordem social, assim, a expressão emocional está regida por normas, crenças e valores atribuídos aos homens e às mulheres.



## **Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a Pandemia de Covid 19**

*Suélen Pinheiro Freire Acosta*

O espaço da casa se transformou, para muitas famílias, em espaço de trabalho e de estudos, sendo ainda local de moradia e convivência. Famílias que se encontravam somente “após o expediente” passaram a conviver o dia todo, compartilhando, muitas vezes, os equipamentos de trabalho e estudo. Para 12,7% dos jovens entrevistados na pesquisa *ConVid*, compartilhar o computador com outra pessoa foi apontado como fator de dificuldade para acompanhar as aulas no ensino à distância e 22,2% destacaram a falta de lugar silencioso e adequado para assistir às aulas.

O sentimento de isolamento pode ser desdobrado na emoção de solidão, de estar desconectado de outras pessoas. A depressão pode ser uma consequência da associação entre os sentimentos destacados pelas pesquisas e pela sensação de estar vivendo sozinha uma experiência mundial. Contudo, ainda no contexto anterior à pandemia, o aumento do isolamento de jovens e relatos de piora na saúde mental já eram observados. Se aplica a metáfora de “geração do quarto”, elaborada por Ferreira (2022) em referência a jovens que estão mais conectados do que nunca com o mundo via redes sociais, e mais desconectados e solitários dentro de casa. Assim, podemos pensar no isolamento dos jovens como uma questão anterior ao contexto pandêmico, intensificada durante este período, com impactos nas vivências familiares, afetivas e escolares.

### **Resiliência: imaginar o futuro pós-pandemia**

Além dos impactos na rotina, na vida familiar, nos relacionamentos e nos estudos, a pandemia também impacta fortemente nas perspectivas de futuro dos jovens. Os planos construídos até março de 2020 precisaram ser repensados, com ajustes de rota conforme as possibilidades que se apresentam a cada jovem. A continuidade da pandemia ao longo de quase três anos fez ainda com que essa revisão e replanejamento tenham sido mais frequentes na experiência dos jovens.

Jovens entrevistados pela reportagem *Estudantes do ensino médio contam como é estar na adolescência em meio à pandemia* (Ortega, 2021), do *Jornal da Universidade*, relataram as dificuldades enfrentadas nesse contexto. Os relatos tratam da perda da “magia de terminar o colégio, de estar me formando” e de objetivos ou foco, associados,



## Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a Pandemia de Covid 19

Suélen Pinheiro Freire Acosta

nos relatos, aos estudos. Também as esperanças quanto ao fim da pandemia e retomada da vida vão se enfraquecendo, conforme os relatos, sobretudo enquanto as atividades escolares não retornavam.

Comparando perspectivas de futuro entre os jovens em 2020 e 2021, a segunda edição da pesquisa *Juventudes e Pandemia* observou um clima mais otimista. Em 2021, 42% afirmaram imaginar que a qualidade da educação melhoraria após a pandemia (enquanto em 2020 foram 24%). Quanto à qualidade de vida, em 2021, 48% imaginavam que estaria melhor após a pandemia (em 2020 foram 31%). Nesse sentido, é possível identificar um processo de adaptação às mudanças trazidas pelo contexto pandêmico e atenuação dos impactos iniciais. Porém, ainda não é possível afirmar a presença de uma visão propriamente otimista entre os jovens. Enquanto leituras otimistas ou pessimistas possam ter ocorrido de forma situacional na diversidade das juventudes, é notável que:

O cenário pandêmico ampliou ainda mais a sensação de incertezas e inseguranças relacionadas ao futuro, seja pelo próprio temor em relação ao futuro social no que diz respeito à crise sanitária, seja pelos prejuízos que esse contexto trouxe quanto ao mercado de trabalho. No caso do Brasil, o contexto de crise política e social agravou ainda mais a situação. (Koerich & Pimenta, 2023, p. 9)

A experiência de viver o contexto pandêmico, em seus desdobramentos, tornou necessário o desenvolvimento de habilidades resilientes e empáticas. Nos relatos dos jovens entrevistados pelo *Jornal da Universidade*, a resiliência é apontada na construção de estratégias para reunir os amigos para jogos, estudos e outras atividades online. Dessa forma, Leiva & Rivera (2022, p. 163) afirmam:

A pandemia levou os jovens a terem que redesenhar suas múltiplas trajetórias e destacar suas capacidades adaptativas, decisivas e resilientes para seguir em frente com suas vidas.

Embora a resiliência não seja uma emoção, se apresenta nesse contexto como habilidade e ação para enfrentar o contexto pandêmico e sobreviver a ele. Os relatos que encerram a reportagem do *Jornal da Universidade*, instigados pela questão “Com o que tu sonhas?”, remontam a sonhos coletivos, de melhorias na distribuição de renda, saneamento, saúde e de poder voltar a reunir os amigos. O redesenho das trajetórias



## Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a Pandemia de Covid 19

Suélen Pinheiro Freire Acosta

pode passar, então, pelo pensar e agir coletivo, assim como pelo desejo de voltar a estar junto e perto de pessoas queridas.

Ainda com base na pesquisa *Juventudes e Pandemia do Coronavírus*, podemos destacar as expectativas dos e das jovens com relação à educação como parte dessa mobilização por mudanças positivas para seu futuro. A pesquisa mostrou que 61% dos jovens consideram “Atividades para trabalhar as emoções (estresse, ansiedade, etc.)” como conteúdo relevante, o que dialoga com resultados da pesquisa *ConVid*, citada anteriormente, sobre nervosismo e sentimento de isolamento.

Podemos perceber que há entre os jovens uma percepção de piora na sua saúde mental. De fato, a cultura escolar não tem se mostrado receptiva e acolhedora com a diversidade juvenil, sendo um espaço com lógicas próprias de exclusão social, e não um espaço democrático e igualitário como idealizado (Abramovay, Castro & Waiselfisz, 2015). Além das expectativas quanto à abordagem sobre emoções na escola, 50% dos jovens que participaram da pesquisa também consideraram prioritário garantir atendimento psicológico na saúde pública e 37% acham que esse atendimento deveria ser feito nas escolas.

A desconexão entre o conteúdo das aulas e o interesse dos jovens vem sendo avaliado por diversas pesquisas como motivo de desestímulo ou mesmo de evasão escolar, tendo se acentuado no contexto de pandemia. Conforme Groppo, apesar dos avanços teóricos que indicam a

[...] diversidade das transições e a complexidade das socializações juvenis, as concepções hegemônicas no ensino médio continuam embebidas em noções tradicionais sobre a condição juvenil, esvaziando-a de sentido próprio, já que ela é pensada tão somente como estágio preparatório a padrões pré-definidos e estreitos da vida adulta. (Groppo, 2017, p. 2)

Entre os motivos indicados pelos entrevistados para permanecer estudando, somente 6% afirmou gostar de estudar, enquanto 55% assinalaram “Busco um futuro melhor” e 23% “Quero ter um bom currículo para entrar no mercado de trabalho”. Assim, nota-se que os estudantes partilham uma visão pragmática dos estudos, considerando as melhores condições que podem alcançar em seus projetos de futuro através da educação.



## Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a Pandemia de Covid 19

Suélen Pinheiro Freire Acosta

Conforme dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef)<sup>6</sup>, após um ano de pandemia, 114 milhões de estudantes ficaram sem aulas presenciais na América Latina e no Caribe. Muitas foram as consequências na vida desses estudantes com relação à aprendizagem e à evasão escolar. As escolas e outros ambientes socioeducativos, muitas vezes, “são o único elo entre as famílias e o acesso à garantia de direitos” (Guilherme *et al.*, 2021, p. 24), onde especialmente estudantes em situação de vulnerabilidade social têm acesso à alimentação e a outros direitos básicos. A evasão escolar e a defasagem nos estudos tendem a implicar em maiores dificuldades na inserção dos jovens no mundo do trabalho, além de terem causado impactos na saúde mental destes, em especial como efeito das medidas de isolamento e dificuldades econômicas, de acordo com dados da Unicef.

A segunda edição da pesquisa *Juventudes e Pandemia do Coronavírus* no Brasil apontou que, entre os jovens que não estavam estudando, a pandemia foi, especialmente entre os mais novos, fator importante para a interrupção dos estudos, sendo 68% na faixa de 15 a 17 anos e 63% na de 18 a 24 anos. Entre os motivos, o principal foi o financeiro, apontado por 21%, e o mais alto entre os meninos. Em segundo e terceiro lugares estão dificuldades de adaptação ao ensino remoto - 14% afirmam “Não consegui me organizar com o ensino remoto” e 10% “Não estava aprendendo ou não gostava dos conteúdos”.

Entre as jovens das diferentes faixas de idade é marcante a gestação ou a necessidade de cuidar dos filhos como motivo para deixar os estudos, assim como a necessidade de cuidar de familiares, de modo que duas a cada dez mulheres deixaram de estudar por tais motivos, fator que já era presente no contexto pré-pandêmico. A falta de acesso à internet, meio de acompanhar as aulas no formato remoto, foi apontado por 26,3% dos entrevistados como a causa da evasão.

Os efeitos da pandemia na economia e no aumento do desemprego foram sentidos pelos jovens, especialmente pelos mais pobres. Conforme o Atlas das Juventudes, a taxa de desemprego entre jovens no contexto de pandemia foi superior à

<sup>6</sup> Ver: “114 milhões de crianças e adolescentes ainda estão fora da sala de aula na América Latina e no Caribe”, disponível em: [Unicef](#), Panamá, 24 de março de 2021.



## Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a Pandemia de Covid 19

Suélen Pinheiro Freire Acosta

taxa média da população geral. Dos entrevistados pela pesquisa *Juventudes e Pandemia do Coronavírus*, 36% ingressaram no mercado de trabalho, sendo que, destes, 10% estavam na faixa etária de 15 a 17 anos. A necessidade de complementar a renda da família foi um fator importante, e a pesquisa também mostrou que 41% dos jovens estavam contribuindo para sustentar o domicílio.

Há uma reprodução de lugares historicamente definidos para homens e mulheres, notável no número de jovens do gênero masculino que deixaram os estudos para “ganhar dinheiro” e de jovens do gênero feminino que precisaram ocupar funções relacionadas à maternidade e ao cuidado. A desigualdade na distribuição das tarefas domésticas com relação ao gênero é marcante desde a infância. Como mostrou o relatório *Por Ser Menina*, edição de 2021, o número de meninas que realizaram trabalhos domésticos é o dobro do de meninos: 67,2% das meninas, contra 31,9% dos meninos. As meninas também relataram aumento na carga de trabalho doméstico, destacado por 54,6% delas. O relatório mostrou também que atividades de lazer e/ou em ambientes externos à casa são mais realizadas pelos meninos, o que se relaciona com o tempo dedicado por elas aos estudos (conforme o relatório, elas estudam e leem mais que os meninos) e às tarefas domésticas, baseados na reprodução de lugares de gênero socialmente construídos.

Com relação a “trabalhar/ganhar dinheiro”, novamente temos o maior percentual entre os meninos – 50,5% entre os meninos e 21,9% das meninas. Embora o trabalho para os meninos possa trazer impactos negativos, como a evasão escolar destacada anteriormente, o menor percentual de meninas trabalhando e “ganhando dinheiro” também reforça um lugar de dependência financeira e de ocupação em trabalhos não remunerados (como o trabalho doméstico e de cuidado).

Conforme a primeira edição da pesquisa *Juventudes e Pandemia*, 28% dos entrevistados responderam já ter pensado em desistir dos estudos, percentual que subiu para 43% na edição de 2021. A Unicer apontou, nesse sentido, que quanto maior o tempo fora da escola (ausência do ensino presencial) maiores as chances de evasão. As taxas de evasão, assim como a desmotivação e dificuldades para continuar estudando,



## Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a Pandemia de Covid 19

Suélen Pinheiro Freire Acosta

têm impactos graves nas perspectivas de futuro dos jovens, especialmente quanto à sua inserção no mundo do trabalho, cada vez mais exigente quanto à qualificação.

### Considerações Finais

As análises propostas até aqui buscaram compreender os impactos da pandemia de coronavírus entre os jovens e as emoções que emergiram e se intensificaram nesse contexto, pautando ações e a construção de novas perspectivas entre eles. Tendo partido de dados quantitativos de pesquisas realizadas ao nível nacional e de reportagens realizadas em diferentes contextos, assim como a leitura de artigos relacionados às temáticas das juventudes e pandemia, o presente texto traçou alguns caminhos para a compreensão de tal problemática.

As emoções se apresentaram de forma central, engatilhadas pela pandemia. Os impactos sofridos nos âmbitos da educação e da inserção no mercado de trabalho, assim como nos relacionamentos, são permeados por emoções como o medo e o isolamento, que implicam duplamente na construção de estratégias resilientes e de incerteza com relação ao futuro. As expectativas com relação à escola enquanto instituição escolar expressa na necessidade de aulas que abordem as emoções e na atuação de profissionais da Psicologia nesses espaços demonstra essa conexão, além do entendimento de que, para melhorias futuras é necessário elaborar as feridas sociais do contexto pandêmico.

Assim, o desenvolvimento da pesquisa na qual este texto se insere será continuada por meio de técnicas de pesquisa qualitativa, associando a realização de grupos focais e entrevistas individuais, visando dialogar e escutar as experiências e percepções de jovens estudantes porto-alegrenses.

### Referências

Abramovay, Miriam; Castro, Mary Garcia & Waiselfisz, Júlio Jacobo. **Juventudes na escola, sentidos e buscas: por que frequentam?** Brasília: Flacso; OEI; MEC, 2015.

Abramo, Helena Wendel. Jovens na pandemia: muitas dores e o direito de dizer não. *In.:* Sobrinho, André Luiz da Silva, Abramo, Helena Wendel & Villi, Marisa de Castro. (Orgs.).



## Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a Pandemia de Covid 19

Suélen Pinheiro Freire Acosta

**Jovens e saúde:** revelações da pandemia no Brasil 2020-2022. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022. p. 184 -2020.

Agência Senado. **CPI da Pandemia:** principais pontos do relatório. Disponível em: [Senado.leg.br](http://Senado.leg.br). Acesso em: Junho de 2024.

Atlas das Juventudes. **Evidências para a transformação das juventudes.** Disponível em: [Atlas das Juventudes](#). Acesso em: Julho de 2021.

Bergamo, Giuliana. Juventude Confinada. **Revista Gama**, Jan 2021.

Bericat, Eduardo. La sociología de la emoción y la emoción en la sociología. **Papers**, v. 62, p. 145–176, 2000.

Bezerra, Anselmo César Vasconcelos; Silva, Carlos Eduardo Menezes da; Soares, Fernando Ramalho Gameleira & Silva, José Alexandre Menezes da. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de Covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 25, p. 2411-2421, 2020.

Conectas, Boletim n. 10 - **Direitos na Pandemia**, São Paulo, Jan de 2021.

Conselho Nacional de Juventude. **Juventudes e a pandemia do coronavírus.** 2ª edição - Relatório Nacional, Maio de 2021.

Conselho Nacional de Juventude. **Juventudes e a pandemia do coronavírus.** Relatório de resultados, Junho de 2020.

Connel, Raewyn. **Gênero em termos reais.** São Paulo: InVersos, 2016.

Corrochano, Maria Carla. Pandemia e condição juvenil: o futuro também é o agora. **Blog SBS**, 27 ago. 2021.

Dayrell, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc. Campinas**, v. 31, nº 100 – Especial, pp. 1105 1128, 2007

Dores, António Pedro. Medo e vergonha: emoções comunitárias e emoções sociais. **Revista Angolana de Sociologia**, v. x, n. X, p. 43-54. 2011.

Dunker, Christian. Quem tem medo do cancelamento? **Revista Gama**. Julho de 2020.

Felicio, Ana Beatriz; Silva, Eduardo & Veloso, Lucas P. Por que aglomerar? Jovens relatam os motivos para irem a festas durante a pandemia. Agência de Jornalismo das Periferias: **Agência Mural**. Fevereiro de 2021.



## Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a Pandemia de Covid 19

Suélen Pinheiro Freire Acosta

Ferreira, Hugo. **A geração do quarto**: quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar. Rio de Janeiro: Record, 2022.

FioCruz. **CONVID Adolescentes**. Pesquisa de comportamentos, 2020.

Grosso, Luis Antonio. Teorias pós-críticas da juventude: juvenilização, tribalismo e socialização ativa. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 13, n. 2, p. 567-579, 2015.

Grosso, Luis Antonio. Juventudes e políticas públicas: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude. **Desidades**, v. 14, p. 9–17, 2017.

Guilherme, Anselmo Guilherme; Camargo, Paola de Oliveira; Santos, Aline Friedrich dos; Passoello, Germano Antônio da Paixão; Coelho, Juliana & Borba, Juliana Severino de. Impactos do afastamento do ambiente escolar e socioeducacional durante a pandemia do Covid-19. In.: **OEI - Organização dos Estados Iberoamericanos - Iberoamérica. Experiencias e investigaciones durante la pandemia covid-19**. OEI, Publicações, 2021.

Koerich, Bruna Rossi & Pimenta, Melissa de Mattos. Temporalidades juvenis e impactos do contexto pandêmico. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, v. 23, n. 1, p. e42249, 2023.

Koury, Mauro Guilherme Pinheiro. **Cotidiano e pandemia no Brasil**: emoções e sociabilidades. Recife: Grem-Grei Edições, 2021.

Koury, Mauro Guilherme Pinheiro. **Introdução à Sociologia da Emoção**. João Pessoa: Manufatura/GREM, 2004.

Koury, Mauro Guilherme Pinheiro. As emoções em tempo de isolamento social. In.: Koury, Mauro Guilherme Pinheiro (Org.). **Tempos de pandemia**: Reflexões sobre o caso do Brasil. João Pessoa: Grem-Grei; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.

Leiva, Ana Isabel Peñate & Rivera, Ursula Zurita. Jóvenes y Familia en Tiempos de Pandemia. In.: Abramovay, Miriam., Feffermann, Marisa., Luz, Lila Cristina Xavier, Cenitagoya, Verónica., Rivera, Ursula Zurita., Leiva, Leiva, Ana Isabel Peñate. (Org.) **Trajetórias/práticas juvenis em tempos de pandemia da covid-19**. Brasília: Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, 2022.

OPAS. **OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à Covid-19**. OPAS/OMS, 2023.



**Emoções e Resiliência: perspectivas de jovens sobre a Pandemia de Covid 19**  
*Suélen Pinheiro Freire Acosta*

Ortega, Anna. **Estudantes do ensino médio contam como é estar na adolescência em meio à pandemia** -. Disponível em: [Jornal da Universidade](#) . Acesso em: 10 out. 2024.

Pereira, Jesus Marmanillo. Cenários de medo e as sociabilidades pandêmicas no Maranhão. *In.*: Koury, Mauro Guilherme Pinheiro (Org.). **Tempos de pandemia: Reflexões sobre o caso do Brasil**. João Pessoa: Grem-Grei; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.

Rodríguez, Juan Carlos Jamírez. Algunos elementos para el debate sobre la intersección entre masculinidad y emociones. *In.*: Rodríguez, Juan Carlos Jamírez (Org.). **Hombres, masculinidades, emociones**. México: Página Seis, 2020.

Sallas, Ana Luísa Fayet., Juventude(s), emoções e ação política. *In.*: Nedel, Victor Hugo (Org.). **Temáticas Emergentes em Juventudes**, Porto Alegre: GEPJUVE, 2024.

Simmel, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

Unicef. 114 milhões de crianças e adolescentes ainda estão fora da sala de aula na América Latina e no Caribe. [Unicef](#), Panamá, 24 de março de 2021.

Weisheimer, Nilson **Os jovens brasileiros frente à pandemia de Covid-19**. *In.*: 20º Congresso Brasileiro de Sociologia. 2021.